



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Aventuras na chuva

Ligado nos últimos acontecimentos dramáticos que vivemos, tentei ignorar a chuva, mas ela se abateu sobre mim, abruptamente, duas vezes, ontem, quando saía de um restaurante e ao chegar à redação. Que ela venha, pois limpa o ar, mobiliza os pássaros, reverdece as plantas. Mas, também, provoca transtornos, principalmente em alguns pontos da cidade.

Quando a gente está em casa e, quando a nossa casa tem segurança, é bom sentir a chegada da chuva. De minha parte, vivi algumas aventuras dramáticas durante o período pluvioso.

Assisti, na tevê, uma matéria mostrando que o motorista de ônibus que passar em cima de uma poça e jogar água no pedestre pode ser multado.

Caramba, se a multa fosse revertida para mim estaria milionário, pois fiquei muitas vezes ensoado quando os ônibus passavam, sem o maior cuidado com o usuário. É o mal de uma cidade em que quem circula de transporte público se torna um cidadão de terceira classe.

Quando construí a casa onde moro, passei um período de sufoco. Tive de vender o carro, voltava de ônibus, descia no ponto do comércio e caminhava 3km até a minha casa. Certo dia, fazia a marcha, quando, de repente, o tempo fechou, abruptamente, e tudo se precipitou com velocidade. Em um átimo, começou a cair um temporal que transformou a estrada de barro em rio corrente.

Subi em um barranco para fugir do fluxo da água. Mas, estávamos no início da noite, a luz se apagou. Os trovões ribombavam e os raios riscavam o espaço com sinais elétricos. De repente, levei um susto, tropecei em algo enroscado e caí de boca no barro. Levantei-me, outro relâmpago falcou e percebi que havia trombado com um rolo de arame farpado.

Mais adiante, em um trecho escarpado, o rio da estrada cruzou com a enxurrada de uma vala, a água engrossou e batia na cintura. Era fazer a travessia ou retomar todo o trajeto. Tirei a carteira, coloquei em uma bolsa, suspendi os braços e atravessei o aguaceiro, como se fosse um *Indiana Jones* do cerrado.

A certa altura, eu havia tomado tanta chuva que estava com a roupa, os cabelos, os sapatos, a bolsa e a alma

encharcados. Não adiantava me proteger. Tudo bem, sou impermeável. Continuava a caminhar imperturbável, sem me preocupar com a chuva, deixando que os pingos escorressem pelo corpo inteiro.

Vinha aceso pela luta, mas, ao mesmo tempo, desalentado, humilhado e ofendido pela penúria. Sempre passava em frente à casa do meu amigo americano Everett Lee, que já nos deixou. Ele se distinguia por três características marcantes: a defesa brava do meio ambiente, o culto da amizade e o uso dos mais cabeludos vocábulos da língua portuguesa temperados pelo sotaque americano.

Soube por terceiros que, certa vez, ele conversava com o síndico do condomínio que comentou, enquanto eu passava ensoado pela chuva

torrencial: “Está devendo seis meses de condomínio, vou mover uma ação para receber o dinheiro”. Prontamente, Lee respondeu ao síndico: “PQP! Depois que construir, ele paga. Nenhum de nós tem a coragem de fazer o que ele faz. Esse cara é herói do condomínio. Não enche o saco, #@&*!”

E, de fato, pouco tempo depois, terminei de erguer a casa e paguei o condomínio atrasado. Como é bom a gente ter amigo, como é bom a gente ser olhado pelo que temos de melhor, como é bom a gente ser alvo de um olhar generoso.

Que velocidade de instinto, que sensibilidade, que humanidade, que pessoa extraordinária o amigo americano. Essa lembrança desencavada pela chuva me deu um instante de alegria fugaz em meio a dias tão difíceis. Valeu, Lee. PQP!

CRIMES CIBERNÉTICOS / A quadrilha teve acesso aos dados e os utilizava para chantagear a instituição, chegando a pedir R\$ 5,2 milhões, mas foi presa, ontem, nas cidades de São Paulo e Santos

Hackers de banco são presos

» AMANDA SALES
» ARTHUR DE SOUZA

Dois homens, suspeitos de participar de uma tentativa de invasão ao sistema de um banco em Brasília, foram presos, ontem, pela Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF), nas cidades de São Paulo e Santos. Eles foram capturados por agentes da Delegacia Especial de Repressão a Crimes Cibernéticos (DRCC/PCDF).

A operação, chamada de *Black Hat*, investiga criminosos que chantageavam o banco, desde outubro de 2022, pedindo 50 Bitcoins — cerca de R\$ 5,2 milhões na época dos fatos —, para não vazarem informações encontradas durante a invasão. Segundo a apuração da PCDF, os criminosos têm conhecimentos ligados à segurança da informação e invadiram a infraestrutura de informática da instituição financeira, com a implementação

de um *código/script malicioso (malware)*, que possibilitou a transferência de dados (exfiltração em linguagem técnica) sigilosos de clientes. Ainda de acordo com as investigações, eles instalaram arquivos executáveis ligados ao algoritmo mundialmente conhecido como *ransomware* — tipo utilizado para sequestro de dados.

Segundo a Polícia Civil, os criminosos ameaçavam divulgar as informações na *deep web* — camada oculta da internet usada por criminosos — e em veículos de comunicação. Com apoio da Polícia Civil do Estado de São Paulo (PCSP), a PCDF cumpriu os dois mandados de prisão, além de outros cinco, de busca e apreensão, contra os suspeitos.

Ainda de acordo com informações da PCDF, eles devem responder pelos crimes de extorsão, invasão de dispositivo informativo e associação criminosa. Somadas as penas, os

Foto: Divulgação PCDF



Os suspeitos tentaram invadir sistema bancário para pedir o resgate dos dados em criptomoedas

suspeitos podem pegar até 17 anos de prisão. O grupo criminoso ainda não foi totalmente identificado, e as investigações continuam.

O nome da operação — “chapéu preto”, traduzido do

inglês — faz referência ao termo usado no universo digital para identificar quem tenta acessar informações ou atingir objetivos pré-determinados sem autorização. As invasões costumam ocorrer para a

prática de crimes. Aplicadas ao sistema de Otimização de Mecanismo de Busca (SEO, em inglês), as técnicas de *Black Hat* são usadas para burlar algoritmos, em vez de tentar melhorá-los.

OBITUÁRIO DE LUÍS ORLANDO CARNEIRO

O deserto se amplia

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
ESPECIAL PARA O CORREIO

Luís Orlando Carneiro, 84 anos, é um dos últimos representantes do jornalismo verdade, paixão e erudição. Ele teve dois empregos na vida. No primeiro permaneceu por mais de cinquenta anos, no *Jornal do Brasil*. Ele entrou como estagiário e concluiu seu trabalho naquela empresa como diretor da sucursal de Brasília do *JB*. E o segundo, como repórter encarregado do noticiário do Supremo Tribunal Federal para o site de notícias jurídicas, *JOTA*. Além disso, cuidou de sua paixão: o jazz. Escreveu

diversos livros sobre esse estilo de música. Era frequentador assíduo de encontros musicais no Brasil e nos Estados Unidos.

L.O. como era chamado, era capaz de pegar um avião, ir a Nova Iorque apenas para ouvir música. Ele conhecia o melhor dos bares onde se pode e deve ouvir o melhor da música negra norte-americana. Foi um jornalista tempo integral. Formou legiões de colegas que passaram pelas redações do *Jornal do Brasil*. Até hoje, anos depois de o jornal ter fechado as portas, seu nome é lembrado pelos colegas, admiradores e

o pessoal que gravita em torno das redações.

A morte de Luís Orlando Carneiro vira uma página definitiva no jornalismo brasileiro. Com ele termina a época das grandes coberturas, do jornalismo imparcial, que não bajulava governos, nem recebia vantagens. Tantos anos depois de escrever quilômetros de reportagens, Luís Orlando não ficou rico, nem deixa herança significativa para os quatro filhos (Paulo, Inês, Teresa e Lúcia), nem para os cinco netos e menos ainda para os dois bisnetos. Mas ele viveu a vida na plenitude do jornalismo que enfrentou censura, militares e sempre optou pela verdade. Nas horas vagas, desenhava figuras do jazz. Os quadros dele

estão espalhados pelas residências dos amigos.

Na sala de imprensa do Supremo fez amigos entre os jovens repórteres que a ele corriam sempre para solucionar dúvidas. E manteve ótimo relacionamento profissional com os ministros. Ele ficou viúvo há seis anos. Branca ou Branquinha, como ele a chamava, morreu há seis anos. Desde então sua saúde piorou, as expectativas se reduziram até seu corpo desistir da existência. Ele dizia que já tinha passado do prazo de validade. Ele será enterrado, por coincidência, na mesma data que sua adorada esposa baixou sepultura. Vai fazer muita falta. O deserto se amplia.

Amazon/Reprodução



O jornalista e escritor morreu aos 84 anos na quarta-feira

ESTELIONATO

Dupla é flagrada por “golpe do cartão”

» ANA MARIA POL
» ARTHUR DE SOUZA

A Polícia Rodoviária Federal (PRF) prendeu, anteontem, dois golpistas que aplicavam o “golpe do cartão” no DF. As capturas ocorreram depois de uma abordagem feita a um homem, 27 anos, que conduzia uma moto com placa de Goiás, que trafegava pela BR-040, na altura de Santa Maria.

Ao realizarem uma busca na bolsa que estava com o suspeito, os policiais encontraram um crachá de perito judicial com a foto do homem abordado, porém, com o nome de outra pessoa. Ainda na mochila, os policiais acharam uma máquina de cartão e um envelope lacrado, com um cartão quebrado ao meio, e uma carta manuscrita pelo cliente do banco, autorizando o falso perito a levar seu cartão.

O “golpe do cartão” é um crime cometido por estelionatários, e acontece quando um bandido se passa por gerente de banco e finge que o cartão da vítima foi clonado. “Ao entrar em contato com a pessoa, diz que o motoboy do banco recolherá o objeto na residência para perícia. Antes, porém, o estelionatário consegue obter a senha”, explica a PRF, em nota.

Ao ser questionado pelos policiais, na abordagem, o suspeito afirmou estar vindo da cidade de Santa Maria e que trabalhava com entregas. Contudo, ainda durante a entrevista, ele confessou que estava hospedado em uma pousada na Asa Norte, com um comparsa. “Os agentes da PRF foram até o local e flagraram um homem, 25 anos. Com ele, foram encontradas 20 máquinas de cartão e um caderno com anotações, referentes aos golpes”, relata a nota.

Os dois foram presos em flagrante e encaminhados para a 20ª Delegacia de Polícia (Gama), onde foram autuados por estelionato, uso de documento falso e associação criminosa. Ao *Correio*, o delegado Rodrigo Telho, afirmou que os criminosos estão presos na carceragem da PCDF.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 12 de janeiro de 2023

» Campo da Esperança

Ana Rita Pereira da Costa, 10 anos
Ayla Oliveira Carvalho, menos de 1 ano
Ednilson Lima da Silva, 65 anos
Ezio dos Santos Silveira, 90 anos
Gessiane Rosendo Barros, menos de 1 ano
Herculano Sousa da Costa, 88 anos
Luiz Augusto Azevedo Carvalho, 60 anos

Maria Anita Ribeiro Gomes Boumaroun, 77 anos
Raquel Machado Santos, 81 anos
Wanda Samico Domenech, 93 anos
Zilda Vaz de Sousa, 79 anos

» Taguatinga

Alice Ribeiro Oliveira, menos de 1 ano
Antônio Guilherme da Silva, 88 anos
Claudemiro Barbosa do Amaral, 90 anos

Cláudio Roberto Feitosa Rodrigues, 51 anos
Darci Almeida da Silva, 58 anos
Genilda Tavares, 65 anos
José Maria de Sousa Silva, 63 anos
Maria Aleuda Teles de Menezes, 72 anos
Renato Lopes de Souza, 36 anos
Terezinha Antônia dos Santos, 74 anos
Wilson Francisco dos Passos, 75 anos

» Gama

Ilza de Oliveira Daniel, 90 anos
Jesus Graciano dos Santos, 86 anos
Maria das Graças Lopes, 74 anos
Marinalva Gualberto Viana, 70 anos

» Planaltina

Antônia Emanuela Lemos de Aquino Santos, menos de 1 ano
Zélia Pereira de Carvalho, 82 anos

» Brazlândia

Maria Elisabete dos Santos Costa, 72 anos

» Sobradinho

Antônio dos Santos, 78 anos
Francisca Medeiros de Lima, 77 anos
José Aírton Peixoto, 82 anos

» Jardim Metropolitano

Welington Veloso de Lima, 23 anos

Maria dos Reis da Silva Ferreira, 69 anos
Luiz Roberto Santos Amorim, 73 anos (cremação)
Jessika Brigida Guedes Martins, 28 anos (cremação)
Walmir Paulo da Silva, 76 anos (cremação)
Cordélia de Fatima de Almeida, 64 anos (cremação)
Demóstenes de Resende Filho, 74 anos (cremação)